



ANTOLOGIA DIREITO À POESIA 2020

Seleção realizada a partir da oficina literária realizada com participantes da PEF2 (Penitenciária Estadual 2) por meio da troca de cartas no contexto da pandemia de Covid-19

O Direito à Poesia é um projeto que vem sendo desenvolvido desde 2015 nas unidades penitenciárias de Foz do Iguaçu, por meio da criação de oficinas literárias presenciais. No contexto da pandemia, e mediante a impossibilidade de nos sairmos da entrada no interior dos presídios, pudemos contar com a parceria dos educadores da PEF 2 para desenvolvermos a troca de cartas.

Ao longo dos últimos meses, estivemos compartilhando poesias, contos, fragmentos de relatos e letras de canções que mobilizaram diversos exercícios de escrita.

O conjunto de textos reunidos nesta caixa, em diversos gêneros e formatos, é uma pequena mostra da riqueza da produção escrita pelos participantes a partir das cartas. São textos que recordam dores e tristezas, mas que também apresentam bom humor e que apresentam sutis e grandes descobertas sobre o que podem as palavras quando nos dedicamos a trabalhá-las, tendo-as como em um crochê.

Há também alguns textos da equipe do Direito à Poesia, uma vez que também nos desafiamos a escrever a partir dos exercícios propostos. Por fim, incluímos na caixa alguns dos textos de outros autores e autoras que compartilhamos ao longo de nossa troca de cartas.

O formato editorial desta antologia organizada em uma caixa de suco nos foi inspirado pelo escritor Carlos Ríos, que realiza oficinas literárias em penitenciárias da Argentina.

Ele nos contou como essas pequenas bibliotecas circulam de x em x, de galeria em galeria, rompendo de algum modo com as restrições do ambiente ao redor. Esperamos que gostem.

Muito obrigado a todos os participantes desta experiência, por terem compartilhado conosco esses textos. Agradecemos também a todo o pessoal da PEF 2 que tornou possível a realização desta nossa oficina epistolar.

Oxalá muito em breve possamos voltar a nos encontrar presencialmente.

Apresentação desta Biblioteca Perambulante do Direito à Poesia

A caixa que vocês têm em mãos é o resultado de três meses de trocas de cartas literárias, realizadas ao longo do segundo semestre de 2020, durante o período de isolamento social decorrente da pandemia de COVID-19 no mundo.

As cartas foram trocadas entre pessoas em situação de privação de liberdade na PEF 2, de um lado e, de outro lado, professores e discentes da UNILA (Universidade Federal da Integração Latino-Americana), como parte do projeto de extensão Direito à Poesia.



**Abraços de todo o pessoal do Direito
à Poesia.**



SERIA QUE SE APAGAMOS
NOSSA HISTORIA TERA ALGUÉM
PARA RECORDAR? :
A Pergunta do Ano

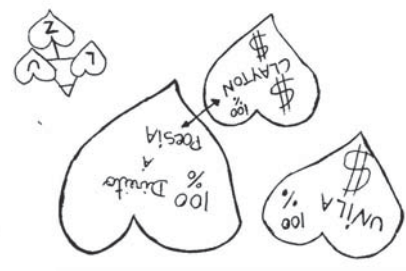
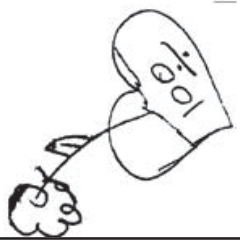
SEM PRE. VAMOS LA ESCRITA
ESTOU TORCENDO POR VOCE.
SE DA IMORTAL
QUE A ESCRITA
OKAY

REINAR
REVIVER
REAPRECIAR
REINVENTA
RETORNA

DEITO DE TIRAR CADEIA ALEINS EM
AQUI NA CADEIA NUNCA TEM UM
ESTAS SÓDAS MAS DO APUSADO
ARTES OUTROS COMO LOS MATHAN
Pior gente que vive aqui
uma boa maneira
de fazer cadeia,

EU EXORNO COM AMOR
ESCREVO MERCE
DESCUBRA
UNILA
PAZ E VIDA
ASS. REI DO UNIVERSO
ASS. SOL

CLAYTON
VIA DA
PAINÇA
A GATA



UNILA
QUANDO EU ME CASAR VOU ME UNILA COM ELA
E NOS FAZEM POR TODOS UM BELO PAR.

SE EM MEUCORCAO CABE
O MUNDO. GUARDO AQUI
ELE ESTARA SEURO.





Só Deus na causa

Eliseu Moreira
dos Santos

Que sim? Que não? Que sim? Que não? Agora tá complicado? Passei a maior vergonha? Bobiei e peguei um "B.O - zão"? Agora tô me sentindo enganado? E o bicho tá pegando? E pensando bem: era feliz e não sabia? E já gastei o que tinha? E agora tô ferrado???

Que sim? Que não? Que sim? Que não? Tive oportunidade e perdi? Eu podia ter feito diferente? Mas não fiz!? O meu advogado veio para resolver, mas não falei com ele e não consegui resolver nada? Nem sei o seu nome? Mas foi o que arrumei na DP? Agora atrapalhou tudo? E para piorar? Eu nem sou daqui? Não conheço ninguém? Bagunçou tudo? Não tenho endereço fixo? Nem carteira assinada? Não sei o número do telefone? Não tenho visita? Meu kit-higiene tá acabando? O frio tá chegando, não tenho cobertor? Estou sem remédio? Não recebo "adianto" e não há o que faça?

Que sim? Que não? Que sim? Que não? Tô fazendo o corrê, mas não sei o que vai dar? Não dá certo e não sei o que fazer? Até agora só ganhei cadeia? A família gastou o que tinha, mas acho que, o advogado, até agora, não fez nada? A casa caiu? E o B.O é monstro?

Agora: só Deus
na causa...

Cê tá desacreditando???
Tô dizendo? Já tentei de
tudo? Verdade mesmoll!

Que não? Que sim? Que não? Sou
inocente, mas tô preso? Tô
pagando um B.O que não devo?
Agora tô mau? Tô de cabeça
quente? Tomei remédio, mas não
fez efeito? Tomei ducha, mas ainda
tô com calor? Comi duas brindada
(marmitta), mas ainda tô com fome?
Chegou meu alvará, mas não fui
embora? Tô cheio de faltas, mas
não sei o porquê? A coisa tá preta?
E eu me lasquei? E essa história de
puxar mais cadeia? Fuja louco???
Cê é doído, eih?! Tô fora?? Deus o
livre?? Mas vou dar a real? Fui
manê? Fui burro mesmo?? Mas
vou dizer: a coisa tá ruim, mas pode
piorar? Só Deus na causall!

Que sim? Que não? Que sim? Que
não? Pensei que ia dar certo e deu
tudo errado? Quase consegui, mas
acho que não vou conseguir. Mas
quem sabe da próxima?
Agora pode ser? Mas pode não
ser? Eu sei, é que, não sei de
nada? Mas só sei, que a história é
triste???

Que sim? Que não? Que sim? Que
não? Em relação àquela situação?
Alguns acham e outros o que
achavam? Não acha mais? Só tô o
ódio? Por que tá complicado? Eu
vacilei e não sabia? Agora tenho
que bater no peito e assumir? A
vida é sofrida? Não deu certo?
Paguei, mas tô devendo? Tava
tudo no "pente", mas não
consegui? É pra acabar? Eles me
disseram: perdeu vagabundo!?



Dois textos com café



e um livre de sal...

Diário na pandemia.

João Carlos Bello Carvalho

"Ele abriu as cortinas de carne e seus olhos inauguraram com desânimo mais um dia. Estava esvaziado de vontade de viver, enroscado na mesma depressão, encolhido. Fechou as cortinas da pele, escondendo seus olhos, guardando-se. Olhos fechados e vendados. Vendava-os para assegurar que eles não o trairiam. Ador-meceu. Morrer é como... morrer e morrem mais uma vez. Por mais um dia. Só o seu diário sabe-ria. Por enquanto."

Amargo, não? É pra leitor diabético. Co-nheça também a nossa linha de textos **TOTALMENTE SEM SAL**, para você, que sofre de hipertensão. E use máscara...

Então, o guarda falou que voltaria à tarde para fazer a troca. Tomamos café, mas o clima ficou muito desconfortável, tentei descontrair o ambiente, e foi passando o dia, até que chegou o almoço, servi e atendi a todos. Conversamos um pouco, fiz um café, tomamos e logo chegou o guarda, para tão difícil decisão, então pedi para o seu Jamiro ir para o outro X, e veio o seu Aristó, estou cuidando dele, mas todos os dias rezo pelo amigo que teve que sair.

Hoje o dia começou com o guarda pedindo para que visse qual dos colegas iria sair da cela, pois aqui este trabalho, porque lá fora eu era técnico em enfermagem. Para mim, foi muito dolorido falar ou fazer a escolha, pois teria que vir para nossa cela um senhor que precisasse ser cuidado.

Hoje o dia começou...
Telemaco dos Santos

Eu moro na mesma casa que Zézinho e hoje ele acordou mais cedo que o normal. Estava alegre cortou alguns cabelos, cantou umas canções que é o que ama fazer. Leu alguns textos da Bíblia e foi estudar (escrever) poesia para a União. Eu estava fazendo crochê, entreitido com meu trampo, quando Zézinho falou em voz alta "estou indu em bôral Meu bôral estou indu em bôral Meu avara cantou". Quando o guarda foi abrir a porta, Zézinho acordou, me contou seu sonho e eu parei por um instante de fazer crochê. Com afeto lhe abracei e lhe disse: ainda resta a fé e a esperança, nosso dia vai chegar.

Zézinho acordou
J.V.
Há 44 anos atrás, eu conheci uma pessoa.
ELE SE CHAMA ZÉZINHO, é meu amigo. Como se fosse já rimos juntos conquistamos e perdemos também. Zézinho foi morar em um condomínio de segurança máxima do governo e eu por coincidência também fui. Zézinho é músico, cantor, compositor e também é cabeleireiro. Ao amanhecer o dia, cedo despertou para receber o café - tratamento vip! sem pagar dinheiro.

O laboratório do escritor

Ricardo Piglia

Desde que comecei a ler, quis ser um escritor, mas entrei realmente na literatura aos dezesseis anos. Em 1957 comecei a escrever um Diário, que continuei escrevendo e que cresceu de um modo um pouco monstruoso. Esse diário para mim é a literatura, quero dizer que aí está, antes de mais nada, a história de minha relação com a linguagem. Eu escrevia para tentar saber o que era escrever: nisso (só nisso), já era um escritor. Esses cadernos se transformaram no laboratório da escrita: escrevia continuamente e sobre qualquer coisa, e desse modo aprendia a escrever ou pelo menos aprendia a reconhecer como pode ser árduo escrever. Além disso, eu me inventava uma vida, fazia ficção, e esse diário era uma espécie de romance: nada do que está escrito ali aconteceu dessa maneira (...)



Escrever segundo três escritoras e um escritor



Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo

Gloria Anzaldúa

Por que sou levada a escrever? Porque a escrita me salva da complacência que me amedronta. Porque não tenho escolha. Porque devo manter vivo o espírito de minha revolta e a mim mesma também. Porque o mundo que crio na escrita compensa o que o mundo real não me dá. No escrever coloco ordem no mundo, coloco nele uma alça para poder segurá-lo. Escrevo porque a vida não aplaca meus apetites e minha fome. Escrevo para registrar o que os outros apagam quando falo, para reescrever as histórias mal escritas sobre mim, sobre você

Escrevo para registrar o que os outros apagam quando falo, para reescrever as histórias mal escritas sobre mim, sobre você. Para me tornar mais íntima comigo mesma e consigo. Para me descobrir, preservar-me, construir-me, alcançar autonomia. Para desfazer os mitos de que sou uma profetisa louca ou uma pobre alma sofredora. Para me convencer de que tenho valor e que o que tenho para dizer não é um monte de merda. Para mostrar que eu posso e que eu escreverei, sem me importar com as advertências contrárias. Escreverei sobre o não dito, sem me importar com o suspiro de ultraje do censor e da audiência. Finalmente, escrevo porque tenho medo de escrever, mas tenho um medo maior de não escrever.

Quarto de Despejo - Diário de Uma Favelada
Carolina Maria de Jesus
Deixei o leito às 4 horas para escrever. Abri a porta e contemplei o céu estrelado. Quando o astro-rei começou despontar eu fui buscar água. Tive sorte! As mulheres não estavam na torneira. Enchi minha lata e zarpei. (...) Fui no café puro. O José Carlos, leite branco. E eu, mingau de aveia. Já que não posso dar aos meus filhos uma casa decente para residir, procuro lhe dar uma refeição condigna. Terminaram a refeição. Lavei os utensílios. Depois fui lavar roupas. [...] Fui no rio lavar as roupas e encontrei D. Mariana. Uma mulher agradável e decente. Tem 9 filhos e um lar modelo. Ela e o esposo tratam-se com educação. Visam apenas viver em paz. E criar filhos. Ela também ia lavar roupas.



Como é que se escreve?
Clarice Lispector
Quando não estou escrevendo, eu simplesmente não sei como se escreve. E se não soasse infantil e estrelado. Quando o astro-rei começou despontar eu fui buscar água. Tive sorte! As mulheres não estavam na torneira. Enchi minha lata e zarpei. (...) Fui no café puro. O José Carlos, leite branco. E eu, mingau de aveia. Já que não posso dar aos meus filhos uma casa decente para residir, procuro lhe dar uma refeição condigna. Terminaram a refeição. Lavei os utensílios. Depois fui lavar roupas. [...] Fui no rio lavar as roupas e encontrei D. Mariana. Uma mulher agradável e decente. Tem 9 filhos e um lar modelo. Ela e o esposo tratam-se com educação. Visam apenas viver em paz. E criar filhos. Ela também ia lavar roupas.

Elia disse-me que o Bínidito da D. Geralda todos os dias ia preso. Que a Rádio Patrulha cansou de vir buscá-lo. Arranjou serviço para ele na cadeia. Achei graça. Dei risada!... Estendi as roupas rapidamente e fui catar papel. Que suplicio catar papel atualmente! Tenho que levar a minha filha Vera Eunice. Ela está com dois anos, e não gosta de ficar em casa. Eu ponho o saco na cabeça e levo-a nos braços. Suporto o peso da Vera Eunice nos braços. Tem hora que revolto-me. Depois domino-me. Ela não tem culpa de estar no mundo. Aqui, todas implicam comigo. Dizem que falo muito bem. Que sei atrair os homens. (...) Quando fico nervosa não gosto de discutir. Prefiro escrever. Todos os dias eu escrevo. Sento no quintal e escrevo.

**simplesmente
escreva!**

Sou o menino que sonhava usar calça comprida e camisa com o pano volta ao mundo

Eu como não tinha acesso ao di-
nheiro que eu ganhava ao trabalhar
junto com meu pai, nos fins de se-
mana que o meu pai me dava livre,
no meio de um mamonal, com um
serrote cego e um martelo sem ore-
lha, que ganhei do Sr. Otamiro, eu
fazia mesa, banco e prateleira, para
as mulheres dos empregados da
serraria. Lá eu ganhei o su-
ficiente para comprar pano, para fa-
zer o meu sonho.



Comprei o pano Brim coringa bo-
tões e linhas para fazer a calça e o
volta ao mundo para fazer a camisa
com botão e bolso. Eu entreguei tu-
do pra minha mãe fazer.

O meu sonho era parar de usar
short com suspensório e camiseta,
porque eu só podia usar com o sus-
pensório fixo no short, embaixo da
camiseta, e isso me incomodava
quando tinha que fazer as necessi-
dades, [porque] tinha que tirar a ca-
miseta primeiro.

Quando eu e meu pai chegamos do
trabalho minha mãe disse “Denon,
vai experimentar a roupa”. Fiquei
tão feliz, mas quando vi em cima da
máquina de costura um short e uma
camiseta, perguntei, “onde tá
mãe?”, “aí em cima da máquina!”.
Chorei por dentro de mim mesmo.
Disse à ela, “o pano não deu mãe?”,
“deu Denon, é que eu vou fazer ou-
tro prô Zé”. Zé era meu irmão de cri-
ação. Fiquei triste, mas contente,
porque o restante [foi] prô meu ir-
mão que eu amava.

Oldenon Mendes de Oliveira



[...] Cantos que surgem pelo simples
prazer de sentir e viver a luz, até o
final do existir. Cauções com notas
que chegam em todos os lugares,
baixos e simples, e que se eleva, no
ápice do mais alto grau, alcançando
até os que vivem nas maiores alturas.
Sublime proposta. Sublime amostra.

Eliseu Moreira dos Santos

Movimentada orquestra do reino das
aves, que compartilham um estado
de graça, eufóricos sentimentos de
prazer pela manifestação do esplên-
dor do alvorecer. Belo espetáculo,
gratuito, majestoso, extraordinária or-
questra que percorre os céus, se mo-
vimenta no ar, levando rapidamente a
todos, esplêndida celebração, magní-
fica exibição. Bravo, Bravo, Bravissi-
mo!!

Orquestra dos pássaros

Pela manhã, somos acordados pela
abertura do espetáculo do movimen-
tado e prazeroso canto dos passare-
dos em exibição. Composição or-
questrada por esses pequenos ban-
dos de belas aves que cantam dando
boas-vindas à luz do dia em expo-
sição.



“Lágrimas para aqueles que anseiam por libertação.”

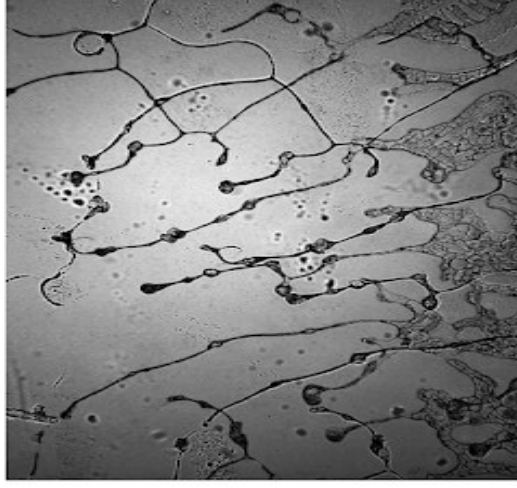


Foto de uma lágrima vista sob um microscópio por Rose-Lynn Fischer.

Será que é porque ele já estava delirando ou enlouquecendo por ela? Será que é porque ele tinha medo de perdê-la, pois sabia que um dia isso aconteceria? Ou queria demonstrar o quão grande era o seu amor por ela? Será que ele não era muito carente de amor? Ou achava que era a única mulher que existia no mundo? Será que ele não era depressivo? Alguma coisa estranha passava pela sua cabeça: algo de bom ou ruim!

Uma vez ele me disse que o amor que sentia por ela era um tal de amor platônico; uma coisa de espírito para espírito. Sei lá o que é isso! E você? E você me diz?

Abimael Pereira

O que Marcos estranhou foi que todas as vezes que ele abraçava sua amada, ele ficava um tempão abraçado com força e logo começava a chorar; e não queria mais desgrudar dela. Por sorte que ela era bem fortinha; tinha ossos grandes. Ela não era gorda, tinha um corpo escultural, senão, pobres seus ossinhos.

Entre idas e vindas o relacionamento durou cinco anos. E a história era sempre a mesma: abraçar e depois chorar. Podia ser a hora que fosse. Porém ele não entendia o motivo desse choro mesmo estando feliz. E Yeni também nunca lhe perguntou nada.

No ano de 1999, conheci um rapaz de 18 anos, cujo nome não posso revelar aqui, pois essa pessoa não me deu autorização, porque não queria ver o seu nome rolando por aí. Também me disse que sentia muita vergonha das pessoas que viam ele chorando por um motivo, aparentemente, sem lógica, ou seja, difícil de se entender; um enigma, algo difícil de decifrar até para alguns psicólogos.

Nesta história vou chamá-lo de Marcos.

“O tema do choro é coisa de todo ser humano, o choro é de todos, mulheres e homens. São fatos reais, são de tristeza, vem de emoções que atingem o coração, vem da mente coisas antigas como vê o coração e as lágrimas que escorrem pelos olhos. Tem um verbo antigo: o que os olhos não vêem o coração não sente.”

Alinor Martins Ferreira

Domingo, 20º C. No pátio ensolarado fui abordado por um interno, um rapaz bem mais jovem que eu. Disse que me viu de longe, calado e sentia a necessidade de me consolar: - Você está sofrendo, seu Carlos? – Nem deu tempo de ficar surpreso— Não, eu não sou. Surpreso ficou ele, imediatamente dando mostras de estar indignado. O rapaz quis cobrir-me, sufocar-me com sua certeza: - Você sofre, sim, “veio”! Eu sou. – justificou e saiu de cena. Conversei pouco com outros mascarados e próximo ao meio-dia fomos reconduzidos às nossas celas.

Almoçamos e fui me deitar. “Você sofre, sim, “veio”. A frase me envolvia, me apertava, me sufocava. “Homem que é homem, não chora” dizia o pai, “Sujeito homem, não chora”, quase um mantra na cadeia. Virei para o lado. “Moleque”.

João Carlo Bello



Lágrimas

Pequena Antologia de

Por que será?

Escândalo em sorriso

Som em silêncio
onde devo estar mudo
Se falo me enrolo
e não posso, não neste tempo
Se falo me enrolo
A censura que me impõem é
ampla mas nem pensar é atemporal
É imoral, dizem-me. Amoral, penso.
Então permaneço calado
mas, sem me enganar Olhem bem para
mim
E eu penso sempre
pensando.

João Carlos Bello

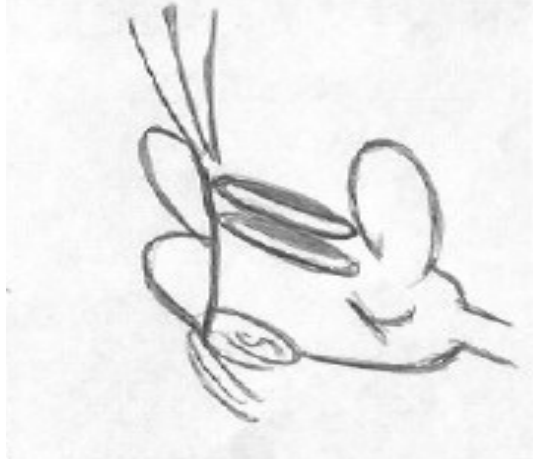
„Hoje acordei, de bem com a vida, apesar do lugar, mas meu hoje, está sendo uma lembrança do passado.

Lembrei do meu finado pai, que aprendeu a ler e a escrever, tentando ler na Bíblia que na época era escrita assim „PHAMILIA“, como era difícil ele me dizia o „Saudo Pai“, mas, meu relato, é que meu pai aprendeu a ler e a escrever sem ter tido um dia só sequer na escola; e faleceu aos 82 anos e nos deixou foi muitas lembranças e saudades.

Pois hoje digo às pessoas que querem aprender na vida que lutem, vão em frente, pois tudo que queremos e lutamos conseguimos com certeza.”

Mário Dominelli

Eu nunca fui bom em desenho, sempre admirei muito, quem desenhava, tentei muitas vezes mas será que por falta de concentração ou de zelo não fazia muitas coisas boas, a única pessoa que admirava ou que eu desenhava era minha filha, quando pequena que se orgulhava em falar nossa como meu pai desenha bem. Eu sempre ria disso. Então tem uma pequena caricatura que sempre ela pedia para eu fazer e que agora que estou aqui todas as vezes que escrevo para ela no fim da carta desenho para ela.



Telêmaco Oliveira dos Santos



Porque escrever? Uma vez me questionei. Cheguei a resposta que para mim não era óbvia. O primeiro foi o mais difícil, os demais parecerei ofício, de tantos sentimentos que tinha no peito a guardar...”

Irineu Soares dos Santos

Carta pessoal.

Quando alguém está distante podemos enviar e também receber notícia, trocando correspondência como cartas.

Leia um trecho de uma carta pessoal:

Ângela,

depois que você foi embora para Ribeirão Preto, eu fiquei um tempão andando pela casa que nem uma pessoa tonta, achando todo mundo sem graça, cada vez que eu pensava que ia ter que esperar até as outras férias para abraçá-la outra vez como sempre. A raiva era tanta que eu moradia os dedos.

Mais tarde a Marisa e a Claudia vieram me chamar. Nós ficamos pulando corda na calçada e depois sentamos e ficamos brincando de botar apelido, vendo água correr pelo chão.

A Maria dizia "não valeu" sempre que ela estava perdendo, então ficou sendo mesmo divertido e lindo demais.

um beijo da Marisa.

Tia, até a próxima.

Jonaz Rodriguez

Fui marcada com símbolos iguaizinhos aos que você vê agora, com significados que já não consigo trazer para mim, nem para te contar. Posso te dizer que nesse momento minha história cresceu, que quiseram envolver aquelas minhas cachoeiras com amor, escutei-lhes falar que nunca mais teria água salgada, seria água doce, água para beber, continuar e conhecer a felicidade. Fui afastada daquele mundo enorme que parecia ser o único possível, levada sei lá para onde, é agora esse o segredo maior, nem eu conheço.

Foi aí que os olhos que carregou se encheram de água, tanta, tanta água salgada que o mesmo mar poderia ter nascido ali.

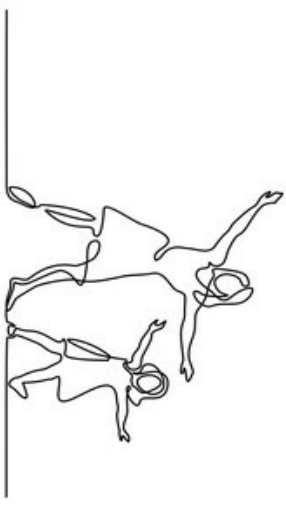
Essa foi minha história por muitos anos, saia um pouco, de tanto em tanto para quem merecesse me ver; e olha como é inesperado o futuro que um dia chegou alguém que pareceu merecer demais.



Fui procurada várias vezes, sempre com um pouco dessas alegrias notálgicas, sabe? Tudo para escutar minha história. Aquele olhar marejado é o centro, ele ficou gravado no filme, como resposta a ausência obrigada dos óculos. Era pra ser uma tarde feliz, a parafernália era perfeita, aquela menina acho que tinha planejado até o sorriso único que ia combinar com suas bochechas e o mais importante, com seus olhos azuis cinzentos. Porém, ela não imaginava que ia ter uma mulher muito chata atrás da lente proibindo ela sentar e ficar naquele fundo azul com seus amados.

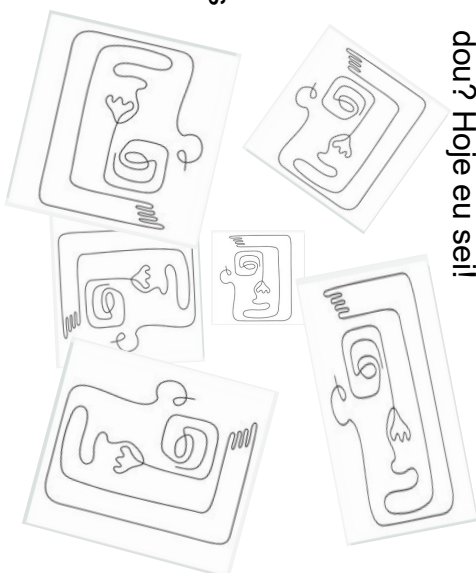
Angélica Usaquín

Hoje não consigo ver o que está na minha frente, se vejo alguma coisa não é o que está ao meu redor, é sem dúvida alguma o que vê uns olhos atrás de uns óculos heptagonais para os que ninguém vai proibir tirar foto com eles.



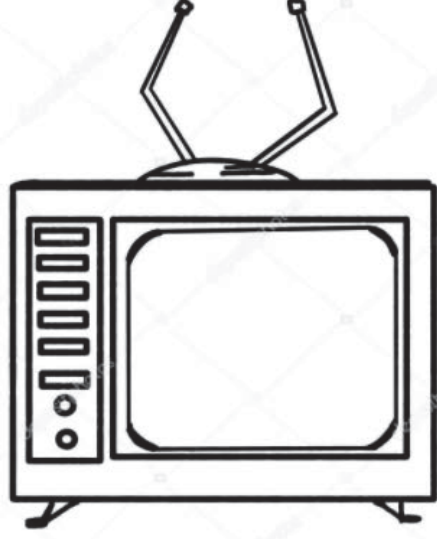
Olhos marejados

Eu me pergunto onde estou? Lembro de um tempo no qual estava acompanhada. Eu fazia parte de um mundo enorme de muitas outras Angelas, todas existimos graças àquela mulher cheia de sardas um pouco obcecada com o flash e o clique, é isso, eu existo a partir da conjunção desses dois sons. Existo no azul, num fundo azul, com um moleton azul (talvez mais escuro que o primeiro) com listras amarelas limão, maria chiquinhas sobre a cabeça e o que mais chama a atenção para quem consegue me ver, uns grandes olhos marejados.



Sempre me perguntam por que é que eles estão desse jeito e eu não soube por muito tempo como responder, só sabia que existiam outras como eu (que para sorte delas as mantiveram juntas).
Em que momento minha sorte mudou? Hoje eu sei!

Já de volta na sala tomei o meu lugar no sofá e Mamãe, que já havia colocado os nossos pratos, ria-se toda vendo Lenin e Fidel, descamisados e musculosos, a disputarem uma queda de braço. Jujú, idem, porém, com a boca cheia, quando, sem mais nem menos, escutamos os três o estrondo de mais um prato a espatifar-se contra a parede do espaço sagrado...



Como Papai conseguia destrinchar com os dentes uma coxa de frango enquanto assistia tranquilamente o Boris Casoy cumprindo licença e entregá-lo em mãos a Papai. Bati na porta e pedindo licença entrei no espaço sagrado que é quarto dos pais, entreguei-lhe o prato e me retirei sem um pio. Como Papai conseguia jantar olhando aquele velho pálido, praticamente sem carne nos lábios, defendendo – após noticiar um caso de uma jovem assassinada a facadas – penas mais duras?

rolava uma indigestão? Não num tanque com ácido? Não

Anderson AS

1996

Nessa noite, ao terminar de cozinhar, como de costume, Mamãe preparou primeiro um prato de comida bem cheio e quentinho destinado ao Homem da casa. A mim, também como de costume, cumpriu levá-lo e entregá-lo em mãos a Papai. Bati na porta e pedindo licença entrei no espaço sagrado que é quarto dos pais, entreguei-lhe o prato e me retirei sem um pio. Como Papai conseguia jantar olhando aquele velho pálido, praticamente sem carne nos lábios, defendendo – após noticiar um caso de uma jovem assassinada a facadas – penas mais duras?

Lá fora anoitecia e lá dentro ia tomando conta da casa o cheiro do arroz, do feijão e da galinha. Na sala esperávamos ansiosos Lenin, Fidel e Mussolini entrar em cena. Na cozinha, Mamãe, que mal havia chegado da rua vindo do trampo, às pressas, preparava a janta, e no quarto Papai assistia ao “Isso é uma vergonha!”.

Além do mais, essa novela sempre tinha muitas cenas de ação, muitas cenas cômicas e mesmo muitas cenas quentes, então ninguém poderia me chamar de mulherzinha por assisti-la... Mas talvez fosse outra coisa... outra imagem, outra lembrança...

Ao terminar de preparar a refeição, Mamãe se juntava a nós e durante quase uma hora ficávamos todos juntos no sofá a rir com as aventuras de Lenin e Fidel... Todos juntos, exceto Papai, o Homem da casa que sozinho no quarto assistia ao telejornal.

É verdade que eu não admitia publicamente que gostasse de assistir novelas. Todo mundo sabe que isso não se faz porque é coisa de mulher e que homem que é Homem, com H maiúsculo, gosta mesmo é de filme de ação – algo do tipo Jean-Claude Van Damme nocauteando uma cobra com um rápido e mortal golpe de karatê. No privado todavia aquela novela desde o primeiro episódio havia me cativado e desde então eu não perdia nenhum dos seus capítulos. Na sua abertura, um simpático cachorro feito de jornais velhos saía da lata de lixo latindo e abanando alegremente o rabinho atrás de uma criança sequestrada. Jujú e eu achávamos isso incrível.

O que aprendemos sobre isolamento com artistas da prisão

Janie Paul

Em um sistema que trata pessoas como objetos que devem ser contados, acorrentados, revistados e designados a um número, a arte é uma forma de reafirmar a autonomia – e reivindicar suas vidas.

Durante os últimos meses a maioria de nós tem se encontrado em um território não familiar, tentando moldar os dias que perderam seus formatos enquanto lidamos com a separação física.

Muitas pessoas encarceradas, no entanto, têm passado anos tentando compreender o que fazer com o tempo no isolamento. Alguns descobrem a fé, enquanto outros leem e se educam. Há também os que se tornam artistas.

Pelos últimos 25 anos eu tenho trabalhado como curadora sênior e cofundadora da exposição anual de artes dos prisioneiros do estado de Michigan na Universidade de Michigan. A cada ano essas exposições arrastam milhares de pessoas que olham e compram os trabalhos dos presos. Para os artistas, essas mostras são fonte de validação e suporte. Eles também ficam com o dinheiro das vendas.

Poder conhecer muitos desses artistas confirmou minha crença de que fazer arte é uma atividade humana básica que dá forma ao significado. Em condições de confinamento extremo, encontrar propósito se torna ainda mais urgente.

A maioria dos artistas da prisão não considera fazer arte até serem encarcerados. Para muitos é uma chance de crescimento ao invés da deterioração.

Quando começo de cada traço ele pressiona levemente o papel e enquanto move o lápis aumenta a pressão, o que torna a cor mais saturada.

Enquanto aprendia a desenhar, Billy Brown se frustrava. Então, um dia ele rezou por uma visão e descobriu uma técnica extraordinária para lápis de cor em papel preto. No começo de cada traço ele pressionava levemente o papel e enquanto move o lápis aumenta a pressão, o que torna a cor mais saturada.

Sua análise de algo com nenhuma beleza intrínseca – acoplada com uma íntima atenção aos valores dos tons e às estruturas espaciais de seu desenho – resulta em notáveis trabalhos.

John Bone aprendeu a desenhar fazendo centenas de ilustrações de sua cela, às vezes trabalhando 16 horas por dia, observando cada detalhe do ambiente.

Muitos artistas encarcerados cultivam a habilidade de focar por longos períodos. Esta disciplina é uma forma de resistir à monotonia e a violência da vida na cadeia.

Para outros, como Wynn Satterlee, um ex-detento de uma prisão de segurança máxima, foi uma questão de vida ou morte.

Na cadeia disseram que ele iria morrer de câncer. Com a ajuda de amigos, ele começou a pintar. “Eu pintava para escapar do sofrimento e da dor”, ele me contou depois que foi liberado da cadeia. “Dez horas por dia, sete dias por semana, por sete anos. E eu superei o câncer.”

Oliger Merko, nascido na Albânia, cumpre prisão perpétua com a possibilidade de condicional. “Realmente te abala pegar uma sentença dessas”, ele me contou durante uma entrevista na unidade de segurança máxima de Ionia, em Michigan. “Eu estava totalmente sem esperanças, à deriva, sem direção.

Comecei a pensar mais profundamente e quando descobri a arte, tudo se abriu. Agora eu pinto por três ou quatro horas por dia e não quero parar nem para me alimentar. É mais uma segunda vida do que um escape.”

Quando começo de cada traço ele pressiona levemente o papel e enquanto move o lápis aumenta a pressão, o que torna a cor mais saturada.

Enquanto aprendia a desenhar, Billy Brown se frustrava. Então, um dia ele rezou por uma visão e descobriu uma técnica extraordinária para lápis de cor em papel preto. No começo de cada traço ele pressionava levemente o papel e enquanto move o lápis aumenta a pressão, o que torna a cor mais saturada.

Sua análise de algo com nenhuma beleza intrínseca – acoplada com uma íntima atenção aos valores dos tons e às estruturas espaciais de seu desenho – resulta em notáveis trabalhos.

Muitos artistas encarcerados cultivam a habilidade de focar por longos períodos. Esta disciplina é uma forma de resistir à monotonia e a violência da vida na cadeia.

chegar na cadeia e vivo com ela agora.”

Existente uma liberdade que esses artistas podem acessar na escolha que fazem sobre o conteúdo, material, traços, texturas, cores, formas e superfícies. O próprio ato de fazer essas escolhas é uma forma de reivindicar sua agência. Isso é significativo em um sistema que trata pessoas como objetos que devem ser deslocados, contados, acorrentados, revistados e designados a um número.

O que permite uma pessoa ter tanta atenção por tanto tempo em isolamento?

Muitas pessoas encarceradas, no entanto, têm passado anos tentando compreender o que fazer com o tempo no isolamento. Alguns descobrem a fé, enquanto outros leem e se educam. Há também os que se tornam artistas.

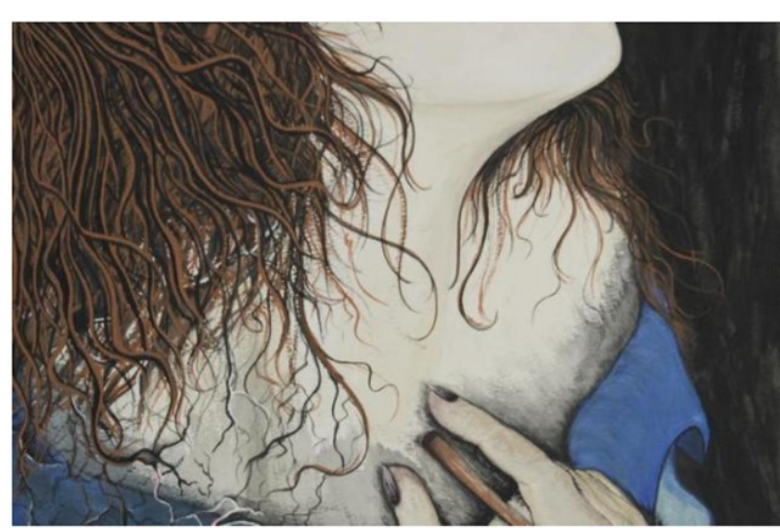
Quando começo de cada traço ele pressiona levemente o papel e enquanto move o lápis aumenta a pressão, o que torna a cor mais saturada.

Sua análise de algo com nenhuma beleza intrínseca – acoplada com uma íntima atenção aos valores dos tons e às estruturas espaciais de seu desenho – resulta em notáveis trabalhos.

John Bone aprendeu a desenhar fazendo centenas de ilustrações de sua cela, às vezes trabalhando 16 horas por dia, observando cada detalhe do ambiente.

Muitos artistas encarcerados cultivam a habilidade de focar por longos períodos. Esta disciplina é uma forma de resistir à monotonia e a violência da vida na cadeia.

Janie Paul, Professora emérita de arte e design na Universidade de Michigan



KARMYN VALENTINE, 'DO JEITO QUE SE SENTE,' AQUARELA EM PAPEL, 2016.



BILLY BROWN, 'PESSOAS EM MOVIMENTO,' LÁPIS DE COR EM PAPEL, 1999.



JOHN BONE, 'CENA DA CELA,' GRAFITE, 2010.



ROBERT SARBER, 'CERVO/ VEADO,' PAPEL HIGIÊNICO, COLA E ACRÍLICA, 2017.



WYNN SATTERLEE, 'LIBERTEM MEU PAI,' ACRÍLICA SOBRE TELA, 2005.



KENNETH MARINER, 'CASA DIORAMA,' PAPELÃO E MÍDIA MISTA, 2019.

Quando, por algum acaso, percebe de fato o gesto repetido tantas vezes, de esperar um minuto antes de jogar a água quente sobre o pó, nem que seja por um breve lapso de tempo, é irremediável que lhe venha à mente a advertência que lhe fizera outra pessoa, um antigo amor, que certo dia lhe mostrou, muito penetrado, com o ar de quem revela um segredo do qual dependeria sua sobrevivência, de que o café não deve nunca, jamais, ser embebido em água ainda fervente, porque essa heresia, é *obvio, quem o pó*.

Na maioria das vezes essa não é uma lembrança que surge com muita nitidez. Sequer há tempo para se desenhar em sua cabeça toda a imagem da cozinha, da chaleira, do coador então, o antigo amor e de sua voz no muito menos inúmeras vezes em que se viu de repente a café quente sobre o nariz, achatando todas as sutilezas do sabor em

uma única camada amarga, para provocá-lo com sua displicência quando as coisas já não estavam bem.

Tampouco se lembrará que o tom gravíssimo assumido por ele naquela explicação sobre o pó e a água quente, um tanto desproporcional quando considerado o tema, provocara nela uma imperiosa vontade de rir, impulso que ela conteve como pôde, ainda que esse esforço talvez não tenha sido suficiente para evitar algum contorcimento no canto dos lábios, o que, ainda pensando em termos de probabilidade, deve ter sido percebido por ele, que, por sua vez, pode ter crispado ligeiramente o rosto, o que, ao ser talvez notado por ela, teria feito com que redobrasse o esforço para apagar qualquer vestígio de sorriso no rosto.

“Hace más de un mes que no me saco las crocks de los pies!”, o que a faz sorrir novamente, sozinha.

Quando a chaleira começa a apitar, o que é apenas um modo de dizer, ela desliga o fogo e espera um minuto antes de jogar a água sobre o pó escuro, intervalo durante o qual afaga o corpinho quente e destrambelhado do cachorro que pula em suas pernas e que lhe morde o sapato feioso de borracha - isso a faz lembrar da jornalista que escutou na rádio argentina no dia anterior dizendo

“Hace más de un mes que no me saco las crocks de los pies!”, o que a faz sorrir novamente, sozinha.



I MINUTO

Cris Chechia

Mas, vale a ênfase, é apenas provável que tenha sido assim, porque, mesmo quando um lapso de lembrança lhe ocorre, ela efetivamente não chega a reconstruir a cena com tantos detalhes quando, a cada manhã, espera o minuto para aguar o café, costume que incorporou menos pela seriedade que ele emprestava ao assunto e mais porque ela de fato achou que o café ficava melhor. Se tivesse se lembrado de algo esta manhã, talvez ainda lhe ocorresse a pergunta sobre como teria sido se lhes tivesse tocado compartilhar uma tão improvável pandemia, como a de agora, ao que ela responderia com a facilidade dos a posteriori, que não teria dado certo nem por duas semanas.

O antigo amor há muito já se foi e não lhe diz mais nada. Sequer desconfia onde estará e talvez mesmo se o visse na rua, quem sabe se o reconheceria? Pode ter morrido, inclusive. Nesse caso, o ritual matinal seria uma homenagem póstuma sem que ela sequer desconfie.

Mas, nessa manhã, efetivamente o cachorro a distraiu mordendo seus sapatos de borracha e ela não pensou em nada.

Olha novamente para a chaleira e, agora sim, despeja o líquido quente sobre o coador, espalhando por toda a cozinha o aroma infalível.

Felicidades e prazeres de quem adormece no sofá da sala.
O melhor lugar pra quem não tem espaço pra se esticar
e acordar, sem os pertences de quando foi dormir.



Fernanda Diniz

Bastava ser o primeiro a despertar, ou se deitar ali mesmo.
Quando a cama não te acolhe, o sofá de molas te resolve.
Mas engolia tudo que te pertencia, tinha fome.
Tinha escondidos infinitos e valiosos, recebia sua parte pela noite ofertada.
Recolhia sofrimentos e angústias
Cada um tinha seu lugar preferido e a disputa era feita.

O melhor lugar entre os lugares,
a visão privilegiada entre os cómodos e a janela que dá pra rua, árvore, vizinho.
O sofá, olhando sempre pra poltrona cor de vinho já teve seus momentos,
Hoje a vantagem é acolher três ou quatro, uma noite bem dormida pra um.
O couro mais velho se gabava das molas e vestia um charmoso e às vezes
nojento pano listrado, xadrez ou com flores que cobria suas marcas do tempo.

Se ajeitasse todo mundo, as vinte cabiam.
O gato, o cachorro, o cinzeiro.
Sofás ao redor de uma mesa de centro é palco pra muitas histórias
Muitos sonhos no fim da tarde e fim de sonho no começo da manhã.
A grande poltrona reclinável, de couro sei que lá,
na cor vinho
Rasgada de gato unhas e desespero era a grande atração

Lugar vago

A sala acomodada entre quatro paredes gritava.
Discos, tinta, tempo.
As paredes gritavam versos e sujeira.
Difícilmente vazia, entre um ambiente e outro, haviam tacos soltos
feitos para tropeço, anunciando qualquer chegada ou partida.
Preenchendo as quatro paredes, tinham sofás, sempre a disposição
pra um cochilo, um café, uma espera enquanto a outra não chega.
Nove lugares para diferentes nove pessoas.



numa das nossas brincadeiras , meu irmão passou pi-
 menta nos olhos
 só de lembrar consigo ouvir seu choro de desespero
 mi abuela, sabia das ervas
 naquele dia, me ensinou o poder de curar
 água y rosa branca
 reza y cuidado
 o ato de benzer
 no quintal de minha avó
 aprendi o quão calmanante é conectar-se
 com a terra
 nutrir, cuidar, saber das práticas

Jhey R.



“Todo dia ela faz tudo sempre igual...”

“Todo dia ela faz tudo sempre igual...”

Pera aí, nem todo dia.

Hoje acordou às 7h, ontem tinha sido às 10h
 viu que o sol deu o ar da graça,
 mas logo se escondeu.

Ama os dias de sol, de banhar-se nele
 sente um abraço apertado
 coração aquecido.

Faz o mesmo café preto, só que antes
 toma a água com limão, como de costume,
 pra ficar com a pele agradável, ou é o que dizem...

Arrumar a cama ou não?

ler um texto, ou limpar a casa?

Puta merda, a sabotagem vem.
 precisa se alongar mais
 as costas dói..

Sabe fazer várias coisas
 mas se alimentar bem

é o que a consola nesse isolamento.

“ Capim, cuidado ao subir na árvore...”

grita, pra vizinhança ouvir,
 fica apreensiva do gato rajado, o encurralar
 lá no topo do pé de ameixa.

“psss psss psss, não faz cocô na planta...” (pfff tarde demais)

“desce da mesa, comida da gente lhe faz mal...”

Fala com ele como se esperasse resposta... mas não tem
 sabe que gatos são desobedientes
 e espera aprender muito com
 seu companheiro

cada gota de suor dava um toque especial no preparo
 embaixo daquela vidreira tinha muitas histórias... e ainda
 tem
 ela é tipo fênix, morre pra um novo começo
 um lugar, de quando era chica
 onde me sentia cagadora, encantada
 com tanta vida, y colores que me enchiam os olhos
 sentia paz, liberdade, curiosidade
 “bebê, tatin tem uva lá em baixo, deixei pra vocês pegar!”

canteiro que tinha o poder de alimentar a família.
 verduras, legumes, ervas medicinais regadas de amor y
 afecto.
 lá no fundo avistava ela
 com seu enorme chapéu de palha
 depenando as galinhas recém
 estrangulas, banhadas em água quente, em um enorme
 caldeirão
 parecia bruja...! Qué bruja!

Terra molhada



A noite vai chegando,
 e com ela as velas acesas no quarto,
 pra se sentir mais... sabe...

AQUECIDA.

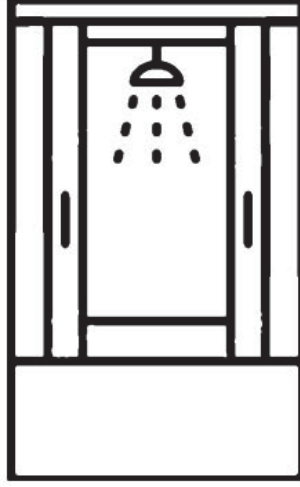
Os pés ainda estão feito gelo,
 duas meias já não são suficientes,
 sente gastura...

na cabeceira do pallet
 quem a acompanha são
 Conceição, Pepetela, Sontag...
 velas, tabaco, isqueiro, cinzeiro
 Capim, ele quem a faz
 se sentir mais... sabe..
 Aquecida.

Jhey R.



Dois textos de quarentena



Ela já acordou pensando

Inaiara Lôbo Mendes

Ela já acordou pensando no que tinha a fazer: casa bagunçada, pendências a ler e, o pior, pendências a escrever. O dia, se é que podia chamar de dia ter acordado as 12h e levantado as 14h, passou sem que fizesse nada. A inércia que seu corpo fica depois de uma noite de ansiedade e insônia é incontável. Se aguenta em pé sem saber como... E tentava: tinha levantado, tomado café tardio assim mesmo, e a ideia era tocar logo as coisas, não ficar enrolando, mas quem disse que conseguia? A sensibilidade a luz era outro problema, principalmente com o corpo cansado que carregava.

Só depois de voltar a deitar, tornar a levantar, com as vistas um pouco menos incômodas, foi que conseguiu dar conta de esfregar uns lençóis. Aí se deu conta de que o que ela mais precisava lavar não eram os lençóis, nem os pratos, mas a alma. Lavar... O mar, pensou. Mas estava tão longe. Bom, na falta de água e sal, uma boa chuva pode resolver. No chuveiro, jura que sentiu cheiro de maré. Maré vazante na boca da barra, misturada com água doce... Com sal ou sem sal, terminado o banho, cabelo lavado, se sentia melhor. Como era já tarde, ficou se perguntando o que ia comer: feijão tinha, arroz tinha, macarrão também, só não tinha nada pronto.

Se levanta e vai fazer comida, o próprio processo de fazer é mais prazeroso do que comer, faz dias que ele não sente fome direito. Coloca uma música pop no fone, e arruma a cozinha. Gostaria de arrumar várias outras coisas, mas no momento, ele só arruma a cozinha.

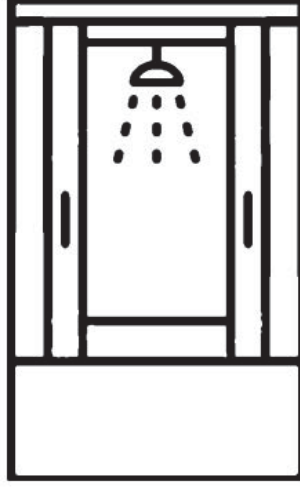
Termina seu café, enrola seu tabaco e vai pra fora fumar na rede. 50 Mill Mortos, ele pensa... Ele faz todo esforço do mundo pra não associar isso com política, é em vão, sussurra baixinho pra ele mesmo escutar "caralho, eu avisei!" Lembra que todos tinham muita razão na época das eleições, mas agora... Termina seu tabaco. Coloca algo pra assistir no computador, pensando aos poucos o que vai cozinhar pro almoço. Não consegue prestar atenção no que está assistindo, lembra dos versos de uma banda punk "Ta tudo bem? Tudo bem, fora o tédio que me consome, todas as vinte e quatro horas por dia, fora a decepção de ontem a decepção de hoje, e a desesperança crônica no amanhã".

Ele acordou, uma chuva de pensamentos negativos já tomaram sua cabeça antes mesmo de abrir direito os olhos. Não há nada para fazer no dia, além de sobreviver. São tempos difíceis, uma tarefa simples como fazer café tem virado um peso. Lembra de tempos corridos da sua vida, onde trabalhava e fazia cursinho, se questionava diariamente que não tinha tempo pra nada. Hoje ele tem todo o tempo, mas não consegue se concentrar um minuto sequer.

Assim, engoliu uns biscoitos e foi. Ainda mais tarde foi que fez alguma coisa: leu alguns poemas, assistiu, leu de novo... A verdade é que sobre ela e aquele dia, não tem muito o que contar. O fim é que, mesmo com o corpo cansado de não ter dormido na noite anterior, naquela também não conseguiu pegar logo no sono. Vagou até as duas e tantas da madrugada entre livro e podcasts até finalmente conseguir dormir... A insônia quando vem, é um mal pro dia inteiro, e as vezes pra noite seguinte também.



Dois textos de quarentena



Ela já acordou pensando

Inaiara Lôbo Mendes

Ela já acordou pensando no que tinha a fazer: casa bagunçada, pendências a ler e, o pior, pendências a escrever. O dia, se é que podia chamar de dia ter acordado as 12h e levantado as 14h, passou sem que fizesse nada. A inércia que seu corpo fica depois de uma noite de ansiedade e insônia é incontável. Se aguenta em pé sem saber como... E tentava: tinha levantado, tomado café tardio assim mesmo, e a ideia era tocar logo as coisas, não ficar enrolando, mas quem disse que conseguia? A sensibilidade a luz era outro problema, principalmente com o corpo cansado que carregava.

Só depois de voltar a deitar, tornar a levantar, com as vistas um pouco menos incômodas, foi que conseguiu dar conta de esfregar uns lençóis. Aí se deu conta de que o que ela mais precisava lavar não eram os lençóis, nem os pratos, mas a alma. Lavar... O mar, pensou. Mas estava tão longe. Bom, na falta de água e sal, uma boa chuva pode resolver. No chuveiro, jura que sentiu cheiro de maré. Maré vazante na boca da barra, misturada com água doce... Com sal ou sem sal, terminado o banho, cabelo lavado, se sentia melhor. Como era já tarde, ficou se perguntando o que ia comer: feijão tinha, arroz tinha, macarrão também, só não tinha nada pronto.

Se levanta e vai fazer comida, o próprio processo de fazer é mais prazeroso do que comer, faz dias que ele não sente fome direito. Coloca uma música pop no fone, e arruma a cozinha. Gostaria de arrumar várias outras coisas, mas no momento, ele só arruma a cozinha.

Termina seu café, enrola seu tabaco e vai pra fora fumar na rede. 50 Mill Mortos, ele pensa... Ele faz todo esforço do mundo pra não associar isso com política, é em vão, sussurra baixinho pra ele mesmo escutar "caralho, eu avisei!" Lembra que todos tinham muita razão na época das eleições, mas agora... Termina seu tabaco. Coloca algo pra assistir no computador, pensando aos poucos o que vai cozinhar pro almoço. Não consegue prestar atenção no que está assistindo, lembra dos versos de uma banda punk "Ta tudo bem? Tudo bem, fora o tédio que me consome, todas as vinte e quatro horas por dia, fora a decepção de ontem a decepção de hoje, e a desesperança crônica no amanhã".

Ele acordou, uma chuva de pensamentos negativos já tomaram sua cabeça antes mesmo de abrir direito os olhos. Não há nada para fazer no dia, além de sobreviver. São tempos difíceis, uma tarefa simples como fazer café tem virado um peso. Lembra de tempos corridos da sua vida, onde trabalhava e fazia cursinho, se questionava diariamente que não tinha tempo pra nada. Hoje ele tem todo o tempo, mas não consegue se concentrar um minuto sequer.

Assim, engoliu uns biscoitos e foi. Ainda mais tarde foi que fez alguma coisa: leu alguns poemas, assistiu, leu de novo... A verdade é que sobre ela e aquele dia, não tem muito o que contar. O fim é que, mesmo com o corpo cansado de não ter dormido na noite anterior, naquela também não conseguiu pegar logo no sono. Vagou até as duas e tantas da madrugada entre livro e podcasts até finalmente conseguir dormir... A insônia quando vem, é um mal pro dia inteiro, e as vezes pra noite seguinte também.

Uma vez, estando atrasada para o colégio, saiu disparada na sua bicicleta. Quando chegou na rua de asfalto, se ergueu no banco para dar impulso na pedalada. Mas veja bem, usava uma sapatilha de sola lisa, sem aderência nenhuma no pedal.

Veja e outra que a Luíza intuía que a sapatilha ainda iria lhe dar uma dor de cabeça: pois, o pedal da bicicleta bam-bam-bam em alta velocidade e ela se ralando o chão, ralando o chão, ralando o chão.

Além disso, ela se vergonha de ter construído um projeto de uma máquina de lavar roupa, que não funcionava. Ela se vergonha de ter feito um projeto de uma máquina de lavar roupa, que não funcionava.

Foi pra casa chorando e machucada, e refletiu que valia mais a pena ter chegado atrasada na escola. Sendo Luíza destrembelhada desse jeito, já se pode imaginar os perrengues diários que passava quando pegava o ônibus. Mochila enroscada, tropeços no corredor, pisada nos pés de outras pessoas e até arranhão em alheios.

Uma lembrança que a fazia rir era a de uma ocasião em que o ônibus deu uma freada brusca e ela, sem estar preparada e ainda por cima segurando uma bolsa no braço livre, não conseguiu se firmar a tempo. Seu corpo girou e caiu em cima de uma outra passageira, que estava sentada de maneira desconfortável no ombro desta.

Al repetiam, cadê a Luíza? Cadê ela? Vêm lá na estrada a pé. Mas essa era apenas uma entre as várias memórias vergonhosas de seus quedas.

Al repetiam, cadê a Luíza? Cadê ela? Vêm lá na estrada a pé. Mas essa era apenas uma entre as várias memórias vergonhosas de seus quedas.

Algumas pessoas parecem nascer elegantes. Postura ereta, cabeça erguida, andar gingado. Outras, são um desastre anunciado. Andam desengonçadas, sempre tropeçando, esbarrando em móveis e em pessoas e se machucando no processo.

Luíza não saberia dizer se a mulher viu o beijo ou não, mas mesmo assim ficou com a cara no chão. Pediu desculpas, saiu de cima da coitada e, com o que restava da sua dignidade, foi para os fundos do ônibus.

Para terminar essa retrospectiva de quedas vergonhosas, uma última memória.

Numa noite, Luíza e suas amigas resolveram ir a uma festa. Todas elas beberam umas e outras. A questão é, se sóbria Luíza já era uma desastrada, imagine com o álcool correndo nas suas veias?

Assim, sabe-se lá porquê raios em determinada altura da festa todas resolveram sentar no chão, perto de uma arvorezinha. Na hora de levantar, ela não conseguia de jeito nenhum, sendo que ainda derrubava as amigas quando essas iam ajudar. Por fim levantou. Foi andando alguns passos, tropeçou numa raiz e caiu de novo, levando as amigas junto e arranhando uma delas no processo.

Riram muito e tudo mais, porém a amiga sempre apontava indignada como tinha sido arranhada ao tentar ajudar Luíza, e que, numa próxima vez, não faria isso novamente. Bem, eis aí a saga de uma desastrada inveterada.

Por onde quer que fosse, por onde quer que andasse, uma queda, tropeços ou arranhões seguiram Luíza, fato tão certo quanto o dia.

Luíza Fabian



A saga de uma desastrada inveterada

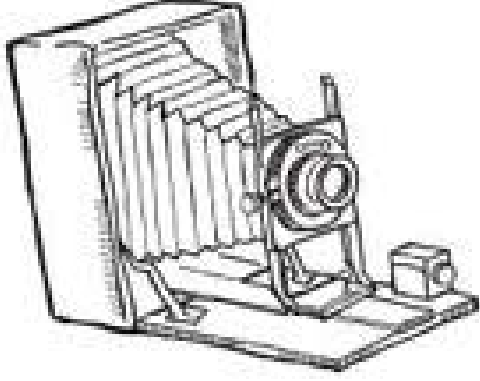
Clique 8

É bem possível que minha avó tenha sido a pessoa mais importante de minha infância e agora percebo que eu sabia muito pouco sobre sua vida. Não era essa a revelação que a foto pendurada na parede de seu quarto, desde sempre, me fazia? O quão pouco eu sabia e o quão pouco eu saberei? Nosso conhecimento de uma vida é alguma vez mais do que um pouco? A foto de minha avó a faz presente para mim, agora, e penso que, quando ela ainda vivia, sua ausência já estava naquela foto.



Exercício de escrita em 8 cliques

Mario Torres



Clique 1

Uma foto. A foto mais antiga que eu conheço de um familiar. É minha avó aos 16 anos (deve ser 1930). A foto está no que era seu quarto em Normandia (não a região francesa, mas o bairro de Bogotá); um quarto que mais tarde passou a ser de meu irmão e que agora está vazio a maior parte do tempo. É o quarto em que eu fico quando vou visitar meus pais em Bogotá. E nele eu vejo a foto novamente.

Clique 2

Agora sou eu. Com 16 anos. Olho para a foto de minha avó e penso que tenho a idade que ela tinha naquela foto. Foi a primeira vez que fiz esse tipo de reconhecimento que, nos anos futuros, seria repetido incessantemente com as fotos familiares, especialmente com as fotos de juventude e maturidade de meu pai: agora tenho sua idade, agora tenho sua idade...

A foto. Não sei por que, mas de repente penso na origem do mundo de Gustave Courbet. (Eu nunca falaria isso para minha família, mas eu escrevo aqui).

Clique 7

primeira vez que eu escutava tudo isso. ter aceito ela já com uma filha. Era a dela isso e justificava seus maus tratos por casamento. Meu avó sempre jogou na cara um nasceu de outra relação antes do Vilma. Ou seja, dos seis filhos que ela teve, casar com meu avó, ela teve minha tia surpreendente foi saber que antes de se vinho nas reuniões familiares). Ainda mais que eu conhecia mal bebia uma taça de que ela gostava de fumar nas festas (a avó velhinha que nunca falava de política?) e com o partido comunista (como? aquela minha avó, quando era jovem, simpatizou naquele dia minha tia começou a dizer que tinha morrido. Não me lembro por que, mas Eu novamente, agora adulto. Minha avó já

Clique 6

Clique 5

Minha avó em casa, fazendo a comida. À tarde, sentada junto à janela do salão, tomando o sol (ela sempre sentia muito frio). À noite, assistindo novelas, e aos domingos, às 7:00 da manhã, assistindo a missa.

Clique 4

A cena mais enigmática que recorde de minha avó é quando ela recebia a visita de San Cayetano. Não sei com que frequência isso acontecia. Talvez uma vez por mês. Era sempre à tarde, ela preparava café com água de rapadura, abria a porta e convidava o santo a entrar, e depois servia café para ele. Eu e meu irmão, vamos minha avó falando com uma pessoa que não víamos. Com o passar do tempo, meu irmão começou a perder o respeito e saltava no sofá onde San Cayetano estava sentado e bebia o café dele. Minha avó pedia para meu irmão não se sentar no colo do santo. Eu devia ter uns 8 anos de idade, meu irmão por volta de 10.

Clique 3

A foto da minha avó com 16 anos está em preto e branco. Ela está de pé com um sobretudo escuro que chega quase até os seus pés. Talvez seja por isso que ela parece muito branca ou pálida. A avó que eu conheci não era assim e, na verdade, se parece pouco com a da foto. De fato, eu não reconhecia minha avó naquela foto e também não me reconhecia nela. Isso me deixava inquieto. Hoje eu acho características dela e de mim naquela imagem, mas a impressão geral de falta de reconhecimento permanece.

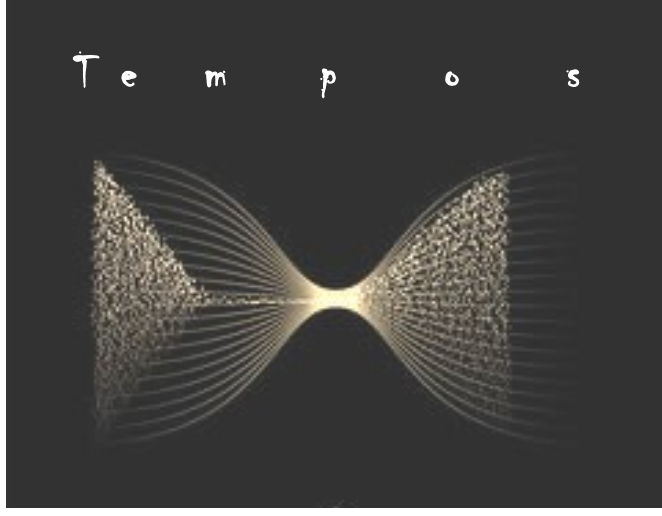
Já me disseram que sou velho.

Eu sou velho na idade, mas sou jovem no coração. Não me sinto velho, ainda posso ser amado e dar muito amor. Sou muito jovem.

[...] Aqui na prisão aprendi a ser infantil, porque não tive infância, aprendi a ser adolescente, porque eu nunca soube o que era ser adolescente. Só sabia trabalhar [...]

Saber da vida: não usar aquilo que foi e sim amar o que se faz. Assim será mais fácil de viver a vida. Eu nunca usei o meu passado e sim o que vivi. Aquilo que é passado, passou. Só ficaram as recordações. [...]

Oldenon Mendes de Oliveira



l e p o s

Mas essa era a minha vida, meu jeito, diferente de ser, meu jeito diferente de me desempenhar.

Eu reconheço, evidentemente que eu era diferente. Há algo diferente, que não sei explicar, não era o trabalho, porque era diferente, digno, gostoso de desfrutar. Eu era diferente e infelizmente olha onde eu vim parar.

Dalci Guzman

“Todos nós seres humanos temos na vida vários tipos de sonhos: uns conseguimos, outros não conseguimos, porque a vida é curta, chega a velhice, no passar dos anos enfraquecemos e tudo se acaba”

Alinor Martins Ferreira

José Jorge Alves
1% de tudo que há no mundo.”

Eu era diferente, quando faziam festa para bailar, eu não ia, era quieto, reservado, diferente, não queria me misturar, porque eu era diferente.

Eu era diferente

Minha vida sempre foi sofrida, diferente. Sempre foi uma luta. Diferente, pois só vivia para trabalhar. Enquanto meus irmãos saíam para jogar bola com os amigos, eu, diferente, ia para o potreiro e lá, diferente, passava cuidar dos terneiros e diferentemente de toda criação.

Nunca devemos desistir de andar, pois esta estrada não tem fim. Mesmo que cansamos, e as vistas escurecer a história continua, e nunca morre.

... tenho muita fé que vou conseguir vencer mais esta luta que exige muita sabedoria e paciência. Bom já que aqui eu não posso andar de skate, posso sonhar que estou andando nas pistas.

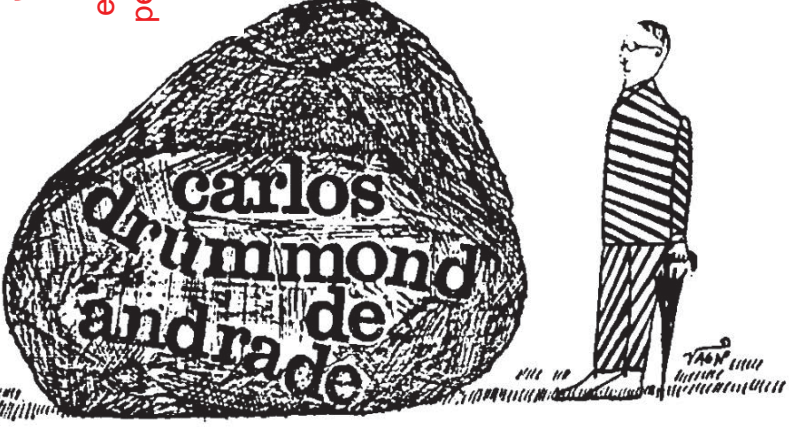
Voltarei andar de skate. Em todo lugar que eu vou estou com meu skate, por mais que tenho 38 anos me sinto como se tivesse 20 anos.

Rômulo Oliveira



"Será que estou vivendo? Ou só existo como uma pedra no meio do caminho?"

Luis Ernesto Vera



dito: Vagn*

Sobre a Leitura e a Escrita como Atos de Liberdade

Luis Ernesto Vera

...a leitura realmente proporciona muitos benefícios a quem a pratica, e se puder ser dirigida de forma correta, transforma vidas. Aqui neste sepulcro, neste mausoléu, no qual estou sepultado vivo, ela me proporciona liberdade, e sim, me mantém lúcido, para conseguir me expressar e não somatizar...

Com relação ao tema de “ser livre escrevendo” ou “por meio da palavra”, só posso explicar assim: tenho absoluta convicção que somos extremamente complexos em nossa estrutura, que não se limita só a parte e que, portanto, experienciamos nossa existência em múltiplas dimensões. Assim, ao expressar-nos por qualquer meio, por exemplo, ao emitirmos sons, fazemos vibrar alguma substância; alguns a chamam de éter, que permeia o universo, e o que saiu de nós ou de mim, se expande e uma parte de mim vai junto no som e ele continua vibrando livre e eterno, mesmo se a gente não mais o percebermos.

Assim então, uma parte de mim pode sair deste tenebroso lugar, e essa parte leva em si mesma tudo o que sou e quem sou, então posso ser livre porque ela é livre.

Acreditamos ou não, tudo isso foi comprovado cientificamente, além de que a ideia, a palavra, muito antes de ser plasmada no papel ou no som, já existe numa dimensão ainda completamente compreendida pelos cientistas

O mesmo poderia dizer da escrita. Um dos princípios da física é que tudo se transforma. Sendo assim, só o fato de plasmá-la no papel, e mesmo que esse papel seja posteriormente destruído por qualquer meio, a informação, a mensagem, o “ser” que ali se expressou não desaparece, continua sua existência.

Bóson de Higgs: A partícula de Deus

